

**“Jesus Cristo é o motivo do meu samba”:
A Música gospel como recurso de gestão da vida cotidiana em territórios
urbanos¹**

Frederico Felipe Souza de Assis - UFRRJ - Rio de Janeiro

Palavras-chave: samba; pentecostalismo; música gospel

Introdução

“[...] O Waguinho pagodeiro agora é servo do Senhor[...] ”

Filho da “faxineira”, Dona Bibi (uma mulher negra), com o Gari, Sr. Osmar (um homem branco), Waguinho é nascido e criado no Complexo de favelas da Vila Cruzeiro, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Sua inserção ao “Mundo do Samba” ocorreu por intermédio de sua avó paterna, a falecida Dona Concha que foi uma das fundadoras do bloco “*Cacique de Ramos*”, em 1961. Seu pai (Sr. Osmar) e seus tios Joca, Nino e Waldir, além de Careca e Adilson Pavão, ambos já falecidos, foram todos componentes da primeira bateria deste que é um dos mais tradicionais blocos carnavalescos do Rio. Em diversos níveis e acessando variadas fontes, Waguinho foi incentivado a aprender, valorizar, preservar e potencializar um dos maiores legados da cultura carioca: o samba.

Os saberes, práticas sociais e performances, bem como imagens e sons peculiares desse complexo emaranhado que chamamos de “cultura do samba” eram parte integrante de seu cotidiano, na periferia. Certamente, este processo relacional afetaria sua subjetividade; impulsionando precocemente sua carreira como músico, ainda na juventude. Segundo relatos do próprio pagodeiro, em seus “testemunhos”, desde os 9 anos de idade, Waguinho já cantava no “Cacique”; aos 14 já possuía algumas composições musicais, além de ser multi instrumentista.

Profissionalmente, ganhou maior notoriedade como cantor “secular”, na década de 1990; enquanto era vocalista do grupo “Os Morenos”, um grupo de Pagode Romântico (Pagode 90). No que diz respeito à religião, parte da família de Waguinho era amplamente ligada à Umbanda; religião que sintetiza elementos da cultura cristã Católica junto a componentes religiosos de Matriz Africana. Influenciado por este contato, em sua vida

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

privada, Waguinho passou a cultuar Zé pilintra, em homenagem a esta entidade, utilizava um chapéu branco, com fita vermelha, semelhante ao que esta entidade possui. De vez em quando, Waguinho também desempenhava a função de Ogã, ao visitar o terreiro de Umbanda de D. Aurora, sua avó materna, em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio.

No auge da fama, em virtude daquela rotina exaustiva de shows, na intenção de amenizar as tensões de uma vida bastante agitada, passou a fazer "uso problemático de drogas", o que culminou em um certo nível de dependência destes entorpecentes. Tema de reportagens de Tv e jornais, Waguinho havia desaparecido, durante 3 dias; período em que virou a noite, usando cocaína e bebendo whisky, em um quarto de motel. Sentindo que estava prestes a morrer, Waguinho decide ligar para sua esposa, Fabíola, que na época já estava frequentando uma igreja, sem que Waguinho soubesse. Dirigindo-se até ao local, encontrou o esposo, em situação degradante, com sinais prévios de overdose. Por intermédio da oração e apelo de Fabíola, naquele dia 30 de Outubro de 2000, Waguinho “aceita a Jesus” e dá início ao seu processo de “conversão”. Passou a frequentar cultos em uma igreja na Barra da Tijuca, mas ainda mantinha sua carreira como músico “secular”. Tempos após, conheceu a ADUD, onde se estabeleceu por cerca de 15 anos e atuou circulando com seu samba, pelas ruas, igrejas, favelas e presídios.

Em “Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil”, Magali Cunha (2004) propõe analisar o crescimento significativo dos evangélicos, suas expressões e efeitos entre as distintas vertentes deste campo religioso. Esta vultosa manifestação religiosa, denominada por Cunha (2004) como “explosão gospel”, despontou inicialmente como um movimento musical e alcançou maior expressividade entre os evangélicos nos anos de 1990, resultando em um modo de vida composto pela tríade música-consumo e entretenimento. A centralidade da música neste contexto viabilizou uma espécie de renovação em diversos segmentos do campo evangélico, uma vez que a prática de ritmos não-clássicos foi aderida nos cultos praticados nas igrejas.

“FÉjoiada” do Waguinho

Assíduo nas mídias sociais, no dia 22 de Outubro de 2018, o cantor Waguinho fez uma publicação que chamou minha atenção e a de mais de 424 seguidores que haviam curtido seu *post* no Instagram.² A referida publicação tinha por finalidade divulgar um evento intitulado,

²Apesar de Waguinho possuir perfis virtuais em outras mídias sociais, nesta pesquisa optou-se por acompanhar as atividades deste interlocutor no *Instagram*. Considero que este seja o perfil de rede social mais relevante do cantor, tendo em vista a frequência de utilização e o volume de conteúdo produzido, além, é claro, dos 81,9 mil seguidores que, até o momento da elaboração desta etnografia, constavam como “seguidores” de Waguinho.

como “*Féjojada do Waguinho*”³, previsto para ser realizado no dia 02 de novembro daquele mesmo ano. Nesta mesma ocasião, seria realizada uma roda de samba e a gravação do audiovisual da canção “*Motivo do meu Samba*”⁴, composição do cantor Jobinho em parceria com Waguinho.

O evento em questão estava marcado para acontecer na favela do Vidigal, mais precisamente, na Laje do Neguinho⁵, um espaço onde normalmente são realizadas festas particulares, bailes funk e pagodes. Para abrilhantar este evento, alguns cantores e grupos de “samba gospel”⁶ (categoria nativa) também foram convidados. Personalidades como o pastor, cantor e compositor Felipe Silva; o instrumentista, compositor e produtor Neném Chama; os músicos Jobinho e Jorginho Dom e, é claro, o próprio Waguinho, anunciado como artística e idealizador do encontro. Além dos artistas citados, os Ministérios 100% Fé⁷, Grupo Nova Geração e Chega mais pra Cristo fariam parte daquela resenha.

³Categoria nativa que se refere a um encontro produzido por evangélicos adeptos da prática musical de samba, cujo prato principal do cardápio era feijoada.

⁴Samba interpretado por Waguinho, gravado na Favela do Vidigal.
<https://www.youtube.com/watch?v=X6dYoPTNbf0>

⁵Hostel famoso por promover eventos para os mais variados públicos.
<https://www.instagram.com/lajedoneguinho/>

⁶Categoria nativa, compreendida aqui como um subgênero do gospel brasileiro, geralmente, utilizada para classificar uma forma musical de “louvor e adoração”, onde as interações de elementos do samba com alguns conteúdos religiosos, marcadamente, evangélicos, produzem letras, sonoridades, e performances e sociabilidades híbridas peculiares. Tais práticas sociais geralmente são exercidas por cantores e músicos evangélicos já familiarizados com o samba. Este termo também aparece em campo como “pagode gospel” e até mesmo “pra God”. Categoria pouco empregada em relação à música católica.

⁷Os atuais integrantes do Ministério 100% Fé antes de se converterem pertenciam ao antigo grupo 100%, um grupo de pagode “secular”



Flyer da 2ª edição da “Féjoiada do Waguinho”

A ideia de um evento neste formato teve boa aceitação. Prova disto é que, no mês seguinte, no dia 14 de Dezembro, haveria uma outra edição da “*Féjoiada do Waguinho*”, mas desta vez, o local escolhido seria o município de Duque de Caxias, na região da Baixada Fluminense. Para além deste trocadilho criativo e irreverente, considero que “a Féjoiada” seja um peculiar e produtivo fenômeno cultural, uma fonte de elementos e sociabilidades que serão analisadas etnograficamente, na intenção de melhor compreender as relações entre pentecostais e a prática do samba, em territórios urbanos. Por essa razão, a 2ª edição da “*Féjoiada*” será alvo de minha abordagem e discussão, ao longo deste capítulo.

“Bota água no feijão, que eu tô chegando!”

Era 14 de dezembro, minha curiosidade se intensificava a cada hora que passava. Tamanha inquietude ocorria pelo fato de que, não pude acompanhar pessoalmente a 1ª edição da “Féjoiada”, realizada na mesma data em que minha tia avó faz aniversário e, tradicionalmente, também faz feijoada como prato principal de suas festas.⁸

Meu deslocamento se iniciou por volta das 17h30min e o evento, por sua vez, estava marcado para às 19h. Ainda assim, o atraso foi inevitável. Cheguei em Caxias, Baixada Fluminense, um pouco antes das 20h. Ao longo da viagem, mantive-me conectado à internet, atento ao Instagram de Waguinho, na expectativa de acompanhar as postagens nos *stories* ou de assistir alguma transmissão ao vivo, para ter noção do andamento da “Féjoiada”.

⁸Tia Avó Nadir, também chamada de “Tia Preta”, é uma mulher negra, de pele retinta, cabelos pintados de vermelho, cria da periferia carioca. Uma candomblecista amplamente envolvida com o samba, desde sua juventude.

Nas redes sociais, desde às 19h, não havia sinal algum de que o evento já tinha começado. Por esta razão, fiquei um pouco aflito, com receio de que o evento fosse cancelado por algum motivo. Para me certificar que eu não estava fazendo aquela longa viagem em vão, resolvi enviar uma mensagem no “Insta” de Waguinho, ao longo do percurso. Mesmo sem ter muita esperança de que ele me respondesse, escrevi “Bota água no Feijão, que eu tô chegando!”, torcendo para que não houvesse nenhum imprevisto no trânsito e eu chegasse logo no destino. Desci do ônibus, apressado, na Avenida Nilo Peçanha, o mais próximo possível da Rua Prefeito Ribeiro, onde se localiza a Assembleia de Deus Projeto Família, conforme me mostrava o Google maps.

Maior do que minha ansiedade era a fome que eu já estava sentindo. Apesar do ótimo cheiro da comida, preferi esperar mais um pouco. Até porque, aparentemente, Waguinho ainda não havia chegado. Sendo assim, deixei a pressa de lado e procurei rapidamente me enturmar, pois eu precisava colocar meu celular para carregar, registrar cenas do evento e acompanhar as mídias sociais.

Passei por entre os equipamentos de som e instrumentos musicais, driblei mesas e cadeiras e entre um “boa noite!” e um fervoroso “Paz do Senhor!”, acompanhado de um sorriso, entrei na pequena igreja, tentando passar um ar de naturalidade, com passos firmes e olhar atento.

De imediato, percebi que o templo estava sem aqueles típicos bancos de madeira. Também não havia cadeiras ou poltronas. As paredes pintadas em amarelo claro estavam contornadas por azulejos brancos. Observei-as com atenção até avistar alguma tomada vazia e dar carga ao meu celular. Ao encontrar a tomada, informei, prontamente, às senhoras que por ali circulavam que aquele aparelho celular, ali, era meu. Sorrindo, uma das senhoras respondeu: “Tudo bem, fique à vontade!”. Agradei, acenando com a cabeça e sorrindo de volta. Aproveitando aquela oportunidade, observei, ainda, qual era a atividade que aquelas senhoras estavam exercendo, já que a circulação de mulheres dentro do recinto era considerável. Tratava-se de uma espécie de brechó voltado para o público feminino. Dentre as indumentárias ali expostas havia a predominância de vestidos elegantes e saias que pareciam ser de tecidos mais leves e refinados. Boa parte das mulheres eram negras. Apesar dos cabelos “pranchados” e da pele clara, os traços negróides, tais como o formato anatômico do nariz e também da boca⁹ eram bem aparentes.

⁹ Em se tratando do segmento evangélico, a pesquisa Datafolha de Janeiro de 2020 revela que as mulheres formam 51% do grupo religioso. Além disso, o resultado da autodeclaração racial deste segmento aponta que 59 % dos evangélicos são negros (pretos ou pardos). ____
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-da>

Voltei para a rua, onde bem em frente à porta principal da igreja estavam montadas as tendas do evento em questão. Em seguida, caminhando pela calçada, dirigi-me até o local onde seriam servidas as refeições; uma garagem para carros, situada do lado direito do templo.

Envolvidas diretamente com as atividades de culinária do evento, encontrei cinco senhoras negras, em sua maioria de pele retinta, aparentando meia idade e algumas já idosas. Competia a elas executar as tarefas de atendimento ao público, recebimento do dinheiro, entrega do troco, enfim, toda movimentação do caixa. Cabia, ainda, a elas o preparo dos pratos e a entrega das refeições, naquele balcão improvisado.

Composta por arroz, farofa, couve, feijão e as típicas carnes típicas, cada prato daquela refeição custava R\$20,00 (vinte reais); preço bastante compatível com os valores encontrados em eventos semelhantes dos quais frequentei. Assim que me aproximei do local de atendimento, desejei boa noite, solicitei meu prato e fiz o pagamento com uma nota de R\$50,00. Como fui informado que não havia troco ainda, combinei com uma das senhoras do caixa que eu poderia pegar o troco, sem problemas, após terminar minha refeição. Cerca de uns 10 minutos aguardando na pequena fila, fui devidamente servido. Em seguida, procurei ocupar uma mesa mais à frente, bem perto de onde os músicos já afinavam seus instrumentos e faziam a passagem de som. Na cedência daquele pagode.¹⁰, vagorosamente, fui saboreando a feijoada.

Saberes e sabores sagrados

No contexto brasileiro, a feijoada deve ser compreendida como parte integrante de certas festividades, principalmente quando se trata de samba¹¹. Para além de seus miúdos e temperos, este produto da cultura negra carrega em sua composição uma considerável intimidade com as expressões religiosas de matriz africana, que até hoje potencializam devoções populares urbanas e são por elas potencializadas. De acordo com o Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro (2007) :

[tafolha.shtml](#)

¹⁰Ao falarmos da relação entre a cultura do samba e a presença de mulheres negras, certamente nos recordaremos de figuras que desempenharam papéis importantíssimos para o desenvolvimento, proteção e afirmação destas práticas comunitárias: As “Tias baianas”. Sobre esta temática, destaco as contribuições teóricas de Moura (1995) e Cabral (1996) como sendo amplamente relevantes para melhor compreensão do assunto.

¹¹Segundo o Dicionário da História Social do Samba, de Nei Lopes e Luiz Antônio Simas (2017), a feijoada é “prato essencial da culinária do mundo do samba, feito principalmente com feijão-preto, carnes e salgados; e servido com arroz e couve à mineira (cortada em fatias finas)”

“Cozinhar é considerado um ato sagrado e os alimentos são tratados de forma ritualística. Pela ligação de pais e mães-de-santo com o samba, era natural que os rigores e delícias gastronômicas da vasta culinária dos terreiros de candomblé, caboclo e umbanda ajudassem a determinar a identidade dos espaços onde o samba floresceu.” (p.70)

Em se tratando da religião evangélica, o cozimento desta iguaria, inicialmente, pode parecer incompatível com o cotidiano do segmento pentecostal, entretanto, considero que, ao longo das últimas décadas, com o crescimento, presença e atuação evangélica em territórios urbanos combinados com as típicas expressões da cultura periférica foram produzindo e/ou reformulando símbolos, sons, costumes e sentidos. Gradativamente, uma zona de convergência cultural (conflitiva ou negociativa) foi sendo formada em territórios urbanos, assim, a religião pentecostal junto às sociabilidades periféricas elaboraram poderosas formas de ocupação, gestão e ordenamento dos espaços e da vida nas regiões metropolitanas.

Clara Mafra (2011) retoma o debate sobre o “cinturão pentecostal” e a partir de sua explanação destaca que, nas últimas três décadas, ocorre um significativo fenômeno sociológico, que tornou o pentecostalismo uma “alternativa cultural plausível” para as populações pobres das periferias urbanas (MAFRA, 2011, p.136), uma vez que o modelo tradicional católico encontrava-se em declínio. Segundo Mafra, enquanto no modelo hierárquico tradicionalmente convencionado, os pobres resolviam suas demandas recorrendo às pessoas próximas e que se encontrem em uma melhor condição financeira; no padrão relacional que emergia naquele momento as interações sócio políticas se consolidariam através de outras dinâmicas.

“Em síntese, o que temos é uma total reorganização da interação e comunicação na metrópole, pois para os pentecostais o acesso à alteridade deve contar, total ou parcialmente, com a mediação do Espírito Santo. Isto provoca uma enorme valorização das relações intraclasse, na intensificação das relações e comunicações nos espaços congregacionais, que, em geral, estão na vizinhança e são abertos e receptivos ao Espírito Santo. Ao mesmo tempo, abandona-se o investimento nas interações pontuais interclasse, típicas do favor e relações de clientela patrão/empregado, pois, muito claramente, os habitantes da Zona Sul tendem a rejeitar essa nova religiosidade.” (MAFRA, 2011, p.150)

“[...]Filho de preto, pobre e favelado[...]”

As novas formas de relação consolidadas entre membros desta vertente religiosa e os elementos da “cultura periférica” refazem constantemente a dinâmica da vida na cidade.

Atuando diretamente na formação das subjetividades e sociabilidades, bem como se infiltrando nas performances dos sujeitos periféricos, a música é um produto cultural que pode revelar muito sobre essas novas configurações estabelecidas na cena urbana.

A antropóloga Carly Machado (2020) investigou outros entrelaçamentos inusitados da religião pentecostal e com elementos da cultura periférica. Interessada em observar a articulação entre religião, cultura e política, Machado realiza um esforço analítico na intenção de avaliar as capilaridades da relação entre o pentecostalismo e as periferias urbanas do Rio de Janeiro. Para desempenhar tal tarefa, a autora traz ao centro do debate a trajetória de um sambista gospel. Neste trabalho, o envolvimento das periferias urbanas com a música gospel ganha centralidade, a fim de que se observe como esta relação influencia na formação de subjetividades periféricas, nas condutas morais e performances artístico culturais e como as sociabilidades periféricas também refazem o modo pentecostal de ser. Nas palavras de Machado (2020):

“Falar sobre as periferias urbanas no Brasil hoje nos exige falar sobre o pentecostalismo no país. Práticas e repertórios pentecostais se imbricam profundamente na trama do cotidiano dessas periferias. Igrejas e pastores evangélicos ganharam destaque nas últimas décadas como atores e mediadores das relações densas e sensíveis nesses contextos. A experiência evangélica, cuja presença costumava ser mais discreta há algumas décadas, passou a compor de modo mais ampliado e explícito o mosaico de elementos que se articulam na formação de subjetividades periféricas” (p.81)

Reduto fundamental do samba, enquanto prática, os territórios de favela¹² (do morro ou do asfalto) foram e ainda são poderosas células de produção, ensino, aprendizagem e difusão desta pedagogia desenvolvida, majoritariamente (mas não exclusivamente) por negras e negros. Nestas regiões a profusão e interação de elementos culturais é tão intensa que as práticas e performances do cotidiano das periferias acabam confluindo junto às experiências pentecostais, viabilizando a produção de um repertório peculiar de sons, valores, sentidos e performances a partir e para além das margens da cidade.

Desta forma, certas tradições como as feijoadas, as rodas de samba, churrasco na laje podem ser reinventadas ou reproduzidas fielmente em outros espaços, sem tantos constrangimentos e de forma legítima; uma vez que estes evangélicos não apenas estão, mas

¹²Vale lembrar que o desenvolvimento de favelas é resultado de um vasto processo de segregação sócio espacial decorrente das Reformas urbanísticas que ocorreram no Rio de Janeiro, desde o início do século XX, impactando diretamente a vida da população preta e pobre da cidade e interferindo na mobilidade e nas sociabilidades que esta parcela social exercia.

são da periferia. Na maioria das vezes, os protagonistas desta tensa mediação cultural são negros pentecostais e ainda que, em seus discursos não se audodeclarem como tal, não deixam de pautar questões sociais importantes tais como a pobreza, a violência e a vida cotidiana nas periferias; temas enfatizados muitas das vezes nos “louvores” e pregações realizadas nos cultos. Neste processo de negociação, permeado de tensões e acordos o público negro e pobre evangélico age conforme os contextos nos quais estão inseridos lhes permitam agir e, assim vão construindo material e simbolicamente as zonas de convergência cultural.

“ [...] Eu vou pegar o meu cavaco, o meu pandeiro e o meu tantan e vou fazer um samba adorador [...]”

Como nas rodas de samba realizadas em outros ambientes, ditos “seculares”, as cadeiras da que seriam ocupadas pelos músicos da “Féjojada” estavam posicionadas em formato semi circular, ao redor da mesa principal. Pandeiro, tantan, cavaquinho e outros instrumentos basilares do pagode já estavam a compor o cenário.

O grupo que já iniciava algumas palhinhas para testar o som, era o Ministério 100% Fé. Após uma breve oração, os pagodeiros agradeceram a presença de todos e deram início ao samba, entoando os louvores.

Olhei para frente e vi um casal atravessando a rua, na direção da tenda onde ocorria o evento. Era o cantor Waguinho e sua esposa, a Missionária Fabíola Bastos¹³. Ostentando sorrisos para todos os lados, o casal mais esperado da noite fez questão de cumprimentar a todos. Waguinho, como um típico carioca, distribuiu abraços e apertos de mãos a todos que dele se aproximavam. Esta sequência de gestos me fez lembrar do famoso “corpo a corpo” exercido por candidatos políticos, em época de eleição. Imediatamente, caiu a ficha de que, o mesmo homem que ocupava o cargo de pastor evangélico e, ainda por cima, era cantor de “Samba Gospel” era também, até então, Secretário de Cultura de São João de Meriti¹⁴.

Waguinho estava usando uma blusa da moda, dessas com botões, tecido leve, com fundo preto e estampa com flores brancas (blusa que inclusive era no mesmo estilo da que eu usava). Fabíola, por sua vez, mesclando simpatia e timidez, sorria mais discretamente e, assim que lhe foi possível, dirigiu-se a um grupo de mulheres do recinto, possivelmente, as anfitriãs daquela

¹³Ex-modelo, Fabíola Bastos é atualmente pastora e pregadora e idealizadora do projeto “Escolhidas”. Casada com Waguinho, Fabíola tem 2 filhos, Cainã e Junior.

¹⁴Durante o período da confecção deste trabalho etnográfico, Waguinho era chefe da Secretaria de Cultura, Lazer, Direitos Humanos e Igualdade Racial de São João de Meriti.

igreja, e com elas permaneceu.

O caráter mais discreto de Fabíola também podia ser visto pelo estilo de roupas que usava, naquela ocasião: uma blusa preta, sem muitos detalhes e uma saia jeans longa, com uma tonalidade de azul claro.

Enquanto eu ainda estava jantando, torcendo para que o celular estivesse a todo vapor, carregando, havia outro, além de mim, preocupado com o celular e as redes sociais: Waguinho. Após ter cumprimentado boa parte do público, o cantor tirou um telefone do bolso e começou a utilizar o aparelho. O inseparável celular que nos cultos em que acompanhei estava sempre nas mãos de Waguinho, revezando espaço de destaque e utilização com a Bíblia do cantor. Pelo que pude observar, Waguinho estava fazendo vídeos, provavelmente no Instagram, onde o cantor é bastante ativo.

Tentando manter um ar de naturalidade, deixei meu prato na mesa e fui em busca do meu celular para verificar as possíveis postagens do sambista e fazer meus próprios registros. Entrei na internet e lá estava! Um “storie” no “Insta” de Waguinho. Fui até a porta da igreja, tirei algumas fotos do local. Voltei para o interior da igreja, deixei, novamente, o celular carregando e, voltei depressa para rua, a fim de terminar minha refeição.

Como era muito requisitado, Waguinho circulava por todos os cantos da tenda. Só não circulava tanto quanto um simpático gordinho, com camisa do Flamengo. Desde a música de abertura do evento, aquele rapaz que aparentava uns vinte e poucos anos, não parava quieto e roubava a cena, pelo seu cantar, pelo bater de palmas mais exaltado e o seu descarado “samba no pé”. Em certos momentos ele interagiu diretamente com Waguinho, filmando-o, abraçando-o e o fazendo gargalhar, movimentando-se sem filtros, com uma simpatia que não nos pedia licença e nem tinha melindres para atuar.

Numa das mesas, à esquerda da roda de samba, havia uma rapaziada para qual o cantor Waguinho gesticulava, por estar posicionado do lado oposto da rua. Estes homens faziam parte da equipe de apoio à “Féjoiada do Waguinho”, conforme era possível ver estampado na blusa de alguns que compunham aquela mesa. Os pratos destes rapazes já estavam sendo providenciados, a pedido de Waguinho que neste momento se encontrava próximo ao local onde eram servidas as refeições. Waguinho retornou para a mesa do referido grupo e foi juntamente com estes homens que o cantor jantou.

Terminei minha refeição e me recordei que não havia pegado o troco. Como o local de entrega dos pratos utilizados era o mesmo do caixa, levantei para devolver meu prato e pegar o troco. Apesar da pequena demora no atendimento, aguardei tranquilamente. Peguei meu

troco, agradei e me retirei.

Fui até o interior do templo, para verificar em que condições a bateria do celular se encontrava. Acabei ficando por lá, durante algum tempo, respondendo às mensagens em minhas redes sociais, tempo o suficiente, para que o *setlist* do Grupo 100% Jesus chegasse ao fim e, então, houvesse um intervalo.

A partir deste momento, mesmo no interior do templo, comecei a ouvir um som mais potente, que fazia estremecer as paredes daquele espaço. Era uma batida bastante familiar, presente e atuante nos territórios fluminenses, um ritmo bastante atual, cercado de estigmas e polêmicas: o funk 150 bpm. Entretanto, a letra que acompanhava aquela estrondosa e envolvente batida versava explicitamente sobre uma temática religiosa de perspectiva evangélica.

Sthefanye Paz (2018) em sua tese se propôs investigar a trajetória de um mediador social que articula e transita por entre os “mundos” do gospel e do funk. O interlocutor destacado na referida pesquisa é Tonzão, um ex- dançarino e integrante do grupo “Os Hawaianos”, vinculado a uma das maiores produtoras de funk do Brasil, a Furacão 2000. Autora, através deste importante trabalho nos revela que, o funkeiro Tonzão após ter passado por um processo de conversão religiosa passou a congregar na Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD) potencializando a atuação deste Ministério através do “funk gospel”.

Ao longo de seu trabalho, Paz (2018) nos explica que, além de Tonzão, outros MCs após se converterem, também adotam a prática do funk, em âmbito evangélico e, são os próprios funkeiros convertidos que, denominam essa articulação da religião com esse gênero musical como “Funk Gospel”. Por fim, Paz (2018) ressalta que, a partir da década de 1990, houve um processo de popularização dos bailes funk, nos quais a presença das camadas mais populares da cidade se dava de forma bastante significativa

“O funk é uma forma de expressão da cultura popular carioca criada pelos mesmos para seu divertimento e também como forma de apresentar a realidade das favelas cariocas para os demais indivíduos. Assim podemos entender o funk como uma produção cultural do povo para o próprio povo” (PAZ, 2018, p.21).

“Sendo do povo, para o próprio povo”, como afirmou Paz (2018) o Funk, o samba e outras sonoridades populares trazem em suas estruturas elementos de demarcação e exaltação sócio territorial a partir das quais e sobre os quais se canta. Tais produções culturais relatam e retratam as perspectivas da realidade do tempo-espaço no qual são produzidas. Neste sentido,

se os evangélicos (pentecostais) cresceram¹⁵, ocuparam e circulam constantemente pelas regiões periféricas, certamente conhecem a rotina, costumes, códigos e linguagem dessas localidades, ou seja, os elementos que fazem parte da “cultura periférica” são familiares aos “evangélicos”. Suas casas, igrejas e projetos sociais fazem parte do cenário urbano, suas pregações e “Evangelismos” ocorrem justamente nesses lugares, além dos ciclos de amizade, parentesco e outros laços sociais que cultivam. Mais do que estar na periferia, os evangélicos são da periferia. Suas canções e costumes são afetados pela realidade que os rodeia, assim como essa realidade da qual participam também é afetada por elementos e práticas de sua religião.

Volto a ressaltar, inspirado por Machado (2018) que se a religião pentecostal opera sobre o cotidiano das periferias urbanas, podendo afetar não somente o produto, mas o fazer cultural dessas regiões, as culturas da periferia também agem sobre o pentecostalismo, modificando composições musicais, conteúdos produzidos para mídias sociais e até mesmo padrões de consumo, remodelando subjetividades ainda que isso gere controvérsias.

As combinações resultantes deste complexo processo são capazes de questionar certezas e tensionar as fronteiras entre os “mundos”, como no caso do “mundo do samba” e o “universo” evangélico. Para investigar a relação entre o samba e as religiosidades, sobretudo evangélicas e pentecostais, Oliveira Junior e Cruz Junior (2020) dão início a este debate, a partir de uma pequena revisão bibliográfica, na pretensão de questionar a concepção totalizante e monolítica acerca da identidade, tendo em vista a heterogeneidade da sociedade e as construções plurais e diversas da quais os sujeitos participam.

Ao discorrerem sobre a relação entre as escolas de samba do carnaval carioca e as religiões, Oliveira Junior e Cruz Junior (2020) afirmam que esta associação é marcada por ambiguidades. Se, por um lado, historicamente, muitos foram os enredos que passaram pela avenida tematizando as mais diversas formas de crença, festas, rituais e celebrações com forte teor religioso. Por outro lado, a religião institucionalizada também criticou, denunciou e até mesmo coibiu certas manifestações culturais que realizadas por algumas agremiações carnavalescas. Segundo eles, o crescimento evangélico mais acentuado, sobretudo neopentecostal ocorre nas periferias. E é exatamente neste território que o samba e a religião evangélica se encontram manifestações culturais populares e periféricas.

¹⁵Reportagem da revista Veja de 23/07/2023 sobre o “boom” evangélico no Brasil <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/tres-fatores-que-explicam-o-fenomeno-do-boom-evangelico-no-brasil>

“O samba, ou melhor, ser um sambista não é uma experiência única e igualitária para todos. Existem sambistas que participam, se identificam e reproduzem este modo de vida e visão do mundo de formas diferentes, em escalas distintas.” (Oliveira Júnior e Cruz Júnior, 2020, p.8)

Oliveira Júnior e Cruz Júnior (2020) ainda enfatizam que ao imaginarmos um sujeito sambista, tendo como ponto de partida aquilo que já está predefinido no senso comum, acabamos reforçando imagens relacionadas ao mundo do samba para formar esta identidade. Ao pensarmos sobre um sujeito evangélico ocorre um processo na mesma lógica. Imaginar que, em um mesmo sujeito, as categorias sambista e evangélico possam coadunar é realmente um desafio, uma vez que, geralmente, as concepções que se tem sobre elas indicam que são de esferas antagônicas.

No caso do samba gospel, a interação existente entre a prática do pagode e a vivência pentecostal gera tensões recíprocas. A infiltração mútua que essas práticas sociais forja um produto musical cuja estética é híbrida e esta característica confere ao samba gospel condições de circulação, alcance e/ou criação de um público para além das fronteiras (religiosas e seculares) estabelecidas ou, pelo menos, tensiona certas estruturas, alterando modos de presença, estéticas, moralidades resultando, assim, novos sentidos e relações. É no corpo e com o corpo que os conflitos e consensos entre o samba e o gospel ocorrem. A confluência das ações destas distintas formas de sociabilidade ajustam constantemente os movimentos, a intensidade e a maneira com que esse corpo reage aos sons que o disputam ao longo desta ousada prática de alinhamento dos princípios evangélicos com o fazer do samba.

“[...] Hoje a minha vida é do Pai e o Espírito Santo é quem manda[...]”

Enquanto eu continuava mexendo no celular, recebi uma mensagem *inbox* no *Instagram*. Era a resposta de Waguinho que logo em seguida adentrou ao templo. Ele me reconheceu e sorrindo disse “Falou que iria vir e veio mesmo, einh?!”. Sorri de volta e o abracei, respondendo: “E aí pastor, beleza? Demorei mas cheguei”. “Show de bola”, respondeu ele. Após ser chamado por um senhor, Waguinho se retirou e, foi então que, eu retornei ao meu lugar à mesa.

Instantes depois, começaram a anunciar que Waguinho já iria cantar. O pastor Marcos Siqueira, líder da igreja que estava sediando a “*Féjoiada*”, convidou Waguinho para ir à frente e, enfim, poder “dar uma canja”. Prontamente, alguns dos músicos do *Grupo 100% Fé* se reordenam, o operador de som ajusta a equalização do microfone de Waguinho e o pagodeiro,

enfim, dá o seu recado.

Conforme o rito religioso e a bossa de sambista, Waguinho desejou “A paz do Senhor!” e logo em seguida, um “Boa noite!” acompanhado de um “Fala aê, rapaziada!”, dirigindo-se aos vizinhos da igreja, que ocupavam as calçadas, sentados em cadeiras, desfrutando daquela noite de clima fresco e do evento na porta de casa. Além de cumprimentar a vizinhança, Waguinho ainda deu um alô aos homens que estavam num bar, quase de frente ao singelo templo. Realizadas as devidas formalidades, o grupo de pagode gospel à postos deu início à apresentação cantando:

**Hoje a minha vida é do Pai e o Espírito santo é quem manda,
Jesus Cristo é o motivo do meu samba (refrão)**

Eu andava no mundo tentando encontrar um sentido pra vida
E andava no escuro, perdido, em apuros, sem ver a saída
Só tristeza no peito e meu rosto mostrava uma falsa alegria,
mas eu não sabia, ah! eu não sabia!

Que na ignorância havia em meus ombros um fardo pesado,
estava morto em vida, atado à correntes ligado ao pecado

Só havia uma chance de ter os meus passos guiados na luz,
minha esperança estava lá na cruz
Na cruz do calvário, onde Cristo venceu o inimigo
e ressuscitou me deu nova vida abundância
enchendo o meu peito de paz e amor

**Hoje a minha vida é do Pai e o Espírito santo é quem manda,
Jesus Cristo é o motivo do meu samba (bis)**

Iniciada pelo refrão e praticamente à capela, a canção “Motivo do meu Samba” trata sobre a história de alguém que passou pelo processo da mudança de conduta moral e ética, fala sobre sentimentos e situações da vida pregressa e de uma alteração no curso da vida social. Tudo isso, contado na 1ª pessoa do singular. A linha melódica e a cadência em que a canção estava sendo executada trouxe ao ambiente um caráter mais melancólico e introspectivo, dolência muito presente em diversos sambas “da antiga”

Após entoar “Motivo do meu Samba”, Waguinho deu prosseguimento ao seu repertório musical. Interagindo com todos que por ali estavam, Waguinho nos convidou a cantar juntos, bater na palma da mão e no final, pediu que nos levantássemos para “cair no samba”. Enquanto comecei a sambar, aproveitei para observar de que modo as pessoas dançariam, a partir de então. Minha impressão inicial era de que, alguns fiéis, teriam momentaneamente esquecido ou desprezado aquela postura mais contida e balançavam seus corpos conforme o pagode exigia. Outros participantes do evento, dançavam mais discretamente, numa espécie de

“dois pra lá, dois pra cá”. O mais explícito pagodeiro, ainda era aquele gordinho, de camisa do flamengo que exibia bastante destreza no quesito “samba no pé”.

Para avaliar qual o sentido do samba na sociedade brasileira, Muniz Sodré (1998) procurou realizar uma leitura em vertical dessa significação, na medida em que o sentido vai sendo homologicamente produzido nas diversas áreas da via social.

Inicialmente, Sodré (1998) refere-se ao samba como sendo “o dono do corpo” e traz à tona a questão da síncopa. Síncopa é um conceito que ocorre quando o acento rítmico é descolado do tempo forte da música ou como resumidamente Sodré explica a síncopa é “a batida que falta”(p.11). Essa característica pode ser encontrada em outros gêneros musicais, tais como o blues, o jazz e, é claro, o samba. Para o autor, a síncopa é o que incita o ouvinte a completar a batida que falta usando o próprio corpo para marcar o ritmo, seja com palmas, balanços ou dança.

Sodré (1998) reitera ainda que, o corpo que a síncopa do samba exige é o mesmo corpo que a escravatura buscava violentar e reprimir culturalmente: o corpo negro. Sodré (1998) argumenta que, com o processo de crioulização ou mestiçamentos dos costumes, o caráter mais ostensivo dos batuques foi sendo atenuado e em virtude dessas mudanças contextuais, foram elaboradas novas estratégias de manutenção e desenvolvimento de suas expressões culturais. Para isso, os batuques foram sendo modificados, a fim de incorporar às festas populares de origem branca e também para fazer parte da vida urbana. A musicalidade e as performances corporais africanas foram gradativamente se transformando, desfazendo-se de alguns elementos e absorvendo outros.

Talvez, acredito eu, em virtude desse processo, alguns evangélicos (negros) presentes na “féjoiada” não tenham se permitido ou conseguido “cair no samba” mais explicitamente, entretanto aquela força (percussiva) magnética dominava o ambiente, flertando com os corpos que estavam a louvar. Em meio a atmosfera tensa criada pelo mover ou conter dos movimentos dos corpos, ao longo daquela exposição percussiva dotada de poderes e encantos, o cantor Waguinho conduzia as negociações, pois o corpo que é carne é também um templo. A maneira pela qual o pagodeiro gospel exercia a gestão das pessoas, naquele espaço, no meu entender, só era possível em virtude de sua expertise híbrida, adquirida nas rodas e redes de sociabilidades por onde transitou. Por isso, o samba e o gospel pareciam exercer uma “guarda compartilhada” dos corpos e costumes.

Antes de encerrar seu show, Waguinho interagiu bastante com seu público, creio que por aproximadamente 50 minutos. Ao longo de sua apresentação, convidou alguns fiéis para “dar

uma canja”. Dentre os convidados a dar uma palhinha estava a Missionária Cristina Duarte, uma senhora, negra, de cabelos grisalhos, que usava um vestido marrom e cabelos presos em coque. A missionária cantou algumas músicas que são classificadas no meio pentecostal como “corinho de fogo”¹⁶. Logo em seguida, Waguinho homenageou a esposa Fabíola, como sempre faz, nas redes sociais, cultos e demais apresentações, visto que foi a esposa o “canal ” para que ele pudesse “aceitar a Jesus”, como estopim de seu processo de conversão. Orou pelos que estavam presentes, convidou ao que estavam no bar ali próximo a se unirem em oração e eles prontamente o atenderam, uns com a mão levantada, outros com as mãos no peito e de cabeça inclinada levemente para baixo, em sinal de reverência.

Encerrada a apresentação, o cantor posou para fotos e eu não poderia perder a oportunidade de um bate papo informal e mais uma foto com ele. Assim que possível, solicitei a uma jovem que estava perto de mim que pudesse tirar uma foto minha com Waguinho, utilizando o meu celular. Como ela havia acabado de ser fotografada com ele, o clima de descontração já estava no ar e, assim, foi fácil a aproximação. Considerando também que, eu já havia interagido anteriormente com o cantor, procurei evitar certas cerimônias, sem porém ser tão desagradável ou invasivo. Abraçados e sorrindo, posamos para a foto.

Agradei a menina pelo ato de gentileza, ao devolver meu celular. Dirigi-me novamente a Waguinho, agradecendo por ter posado junto a mim, para a foto e o parabeneizei pela realização do evento. Ele retribuiu agradecendo pelo apoio. Aproveitei para ressaltar que, ao meu ver, o diferencial daquele evento era esse diálogo com a galera que não é da Igreja e que por ser um evento na rua, seria mais fácil trocar ideia com o pessoal. Ele respondeu que a intenção é essa mesmo, principalmente devido ao fato de que exatamente de frente para a igreja (templo) morava uma família inteira envolvida com o Candomblé. Respondi a ele afirmando que compreendi. Por ter me sentido um pouco sem jeito com a resposta dele, procurei subitamente mudar o foco, para fazer outra colocação e me referi aos homens que mesmo estando no bar, ali perto, não deixaram de participar e ressaltei que achei bacana a interação.

Para não ser inconveniente demais, resolvi me despedir, comentando com ele que eu deveria ir embora logo, pois a viagem seria longa. Gentilmente ele perguntou para onde eu

¹⁶Expressão musical comum ao cotidiano das Assembleias de Deus mais “tradicionais”. Possui certas características que nos remetem ao forró, em virtude da permissividade, compasso e presença sonora similar à sanfona. Para maior aprofundamento, consultar o trabalho de Clayton Guerreiro (2016)

<https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/47534/Disserta%3%a7%c3%a3o%20Clayton%20Guerreir%20-%20vers%3%a3o%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

estava indo e eu respondi que para Campo Grande, Zona Oeste. Ele respondeu afirmando que sabia onde era e que já havia morado em Campo Grande também. Como eu sabia deste fato, quase que automaticamente respondi: “Pô, tô ligado!”¹⁷ Waguinho, por sua vez, interrogou um dos integrantes da banda, perguntando se este não estaria indo na mesma direção em que eu. Para meu azar ou sorte, o rapaz estava indo para outra localidade. Percebi que, talvez, em virtude do horário, distância, dificuldades de acesso ao transporte público e até mesmo questões de violência urbana, ele estava empenhado em me conseguir uma carona. Falei para que ele não se preocupasse, pois eu já estava acostumado a rodar pelo Rio e meu ônibus ainda estava rodando naquele horário. Waguinho perguntou se eu tinha certeza disso e se “tá tranquilo, mermo?”. Insisti que ele não precisava se preocupar, agradei sorrindo, e vagarosamente fui deixando o local, caminhando em direção ao ponto de ônibus. Permaneci fuxicando as redes sociais, enquanto retornava para casa. Ao chegar em Campo Grande, enviei uma mensagem no Instagram de Waguinho, fiz algumas anotações etnográficas em meu celular e, só então, fiquei momentaneamente “offline”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo neste estudo, que se faz relevante o aprofundamento das análises e reflexões sobre a religião, raça e cultura nas periferias urbanas fluminenses. Conforme mencionado ao longo deste trabalho, as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro são formadas por uma parcela populacional significativa de evangélicos, que em sua maioria são negros pentecostais. Suas práticas sociais religiosas e cotidianas são “intensamente musicais” (Oosterbaan, 2008). Vibrando intensamente nas caixinhas de som, pelos trens do Subúrbio, tocando nas rádios “piratas” dos bairros pobres ou pelas redes sociais¹⁸. De forma estrondosa, ocupa as cidades com a “Marcha para Jesus” e o “Louvorzão”. Em tempos extremos ocupou os *streamings*, transmitindo alento e produzindo esperança. Seja pelo incômodo ou pelo conforto, não se pode negar que a música gospel cause afetos e efeitos, nas vidas e nas ruas.

A “cultura gospel”(Cunha, 2004) tem se infiltrado cada vez mais pelas zonas periféricas das cidades, alterando as práticas da cultura urbana e sendo igualmente por ela modificada. Essa relação íntima entre religião pentecostal e territórios urbanos nos permite

¹⁷Obtive essa informação, ao ouvir o testemunho de Waguinho, durante um culto que participei, na ADVEC de Bangu, bairro também na Zona Oeste.

¹⁸Exemplos de músicas que viralizaram recentemente nas Redes sociais da internet “Socorro Deus”- Anayle Sullivan - Feat Michael Sullivan Corro <https://www.youtube.com/watch?v=97Kh-t2Vong>
“A resposta”- Thalles Roberto <https://www.youtube.com/watch?v=-3KZhUi-6FY>

perceber que as fronteiras estão sendo tensionadas e é justamente nas fronteiras que as mediações e fluxos ocorrem. Por vezes, a religião (pentecostal) é compreendida como um fator limitante das expressões de cultura, mas o que se percebe aqui é que, conforme o contexto sócio histórico permitiu, a religião potencializou e dinamizou as relações e produções do campo cultural, nos últimos 30 anos, desde a “Explosão Gospel” (Cunha,2004).

Em virtude de sua plasticidade, a cultura gospel e, em especial, a música gospel foi se reestruturando de acordo com as demandas e recursos de seu tempo-espço. Ocupando, participando e cocriando o cotidiano das periferias, a religião evangélica e a música gospel passaram narrar e tratar as demandas e dilemas sociais ao seu redor, com o repertório (cultural e religioso) que tinham disponível. Assim, gradativamente, foram surgindo outros formatos e sentidos do fazer cultural nessas regiões.

Por essa razão, insisto em encarar o “samba gospel” como um produtivo elemento para pensarmos sobre cultura, raça e religião nas periferias. Sendo a “Cultura” um elemento vivo, suas práticas são passíveis de tensões, disputas, contradições e, sobretudo, movimento. Desta maneira, penso que o “samba gospel” é uma expressão sócio política, através da qual uma parte significativa das periferias urbanas tem recorrido ao sagrado e exercido a gestão da vida ordinária.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, guiado pelas músicas e interlocutores que o campo me apresentou, percebi uma relevante mobilização e articulação de muitos evangélicos (negros) vinculados ao “samba gospel”. Grupos diversos, profissionais e amadores montaram seus “Ministérios” e estão exercendo as práticas de samba em suas igrejas, promovendo e participando de cultos, feijoadas, “rodas de samba gospel”, por todo o Brasil. Alguns deles sendo notados por representantes do segmento do samba e pagode (secular). O “Pagode do Restaura”, o “Marcados Pagode Gospel” e o “Chega mais pra Cristo” são bons exemplos de crescimento musical qualitativo e ampliação de público, nas mídias sociais. Conforme investiguei brevemente, as trajetórias de muitos desses indivíduos se assemelha com a trajetória de Waguinho (antes de se converter já tinha envolvimento com o samba) Ressalto que, Waguinho não foi o primeiro a exercer esta prática, os Grupos “Tempero do mundo” e “Pra God” já atuavam na década de 80 e 90.

Considerando ainda os resultados de pesquisa, ressalto que, a música gospel, sobretudo o “samba gospel” não foi compreendido por mim como sendo uma prática “proselitista” e nem mesmo como uma “apropriação cultural”, ainda que essas condutas possam ocorrer nos mais variados casos e níveis.

Primeiro, por acreditar que as práticas sociais e discursivas são eminentemente políticas e por serem políticas, partem de princípios, demarcam territórios, posições, noções de mundo e sendo assim, também possuem caráter prosélito. Além disso, entendo o processo de “apropriação cultural” como sendo uma relação de poder assimétrica, onde um grupo provido de maior força ou precedência hierárquica domina e coopta os bens de um grupo em tese inferior. Outra questão que me afasta de adotar tal postura em relação ao “samba gospel” é que as categorias “proselitista” e “apropriação” são categorias acusatórias e não é esta a forma com que tenho aprendido a fazer ciência e nem é o tipo de relação que quis estabelecer com este campo de pesquisa.

Em se tratando ainda de religião e cultura, foram mapeados de forma superficial alguns trânsitos que me chamaram a atenção: Os “*feat*”, através dos quais pagodeiros do secular têm recentemente realizado participações na gravação de músicas (louvores) com pagodeiros do gospel. Mauro Diniz, Alexandre Pires, Mumuzinho, Thiaguinho, Belo e Ferrugem são alguns dos nomes que realizaram tais práticas. Apesar de não encarar essas participações como novidade, acredito que possam indicar uma nova tendência dos mercados fonográficos. Em certos casos, apenas a música gospel é gravada pelos artistas do secular, com a roupagem que o grupo ou artista define. Por fim, ressalto que além de Waguinho, Serginho Madureira, Salgadinho, Rosyl e o falecido Bezerra da Silva já tiveram também seus cd’s de pagode gospel ou similares. Além desses, Serginho Meriti e Xande de Pilares possuem canções em que articulam religião (cristã) e cultura de samba e periferia.

O trabalho analítico e reflexivo que aqui foi desenvolvido é em síntese uma provocação antropológica. Um exercício pessoal que estendo aos leitores na tentativa de que juntos possamos desmistificar certos estereótipos criados sobre os grupos aqui citados e as práticas sociais investigadas. É urgente que as periferias, favelas e subúrbios estudados não sejam mais compreendidos como territórios urbanos homogêneos e que as práticas sociais (religiosas ou não) que ocorrem nesses lugares sejam abordadas conforme suas especificidades.

Em suma, para investigar a relação entre religião e cultura, nas periferias urbanas e compreender os modos de vida em territórios urbanos, a música pode ser um dos mais instigantes elementos, repleto de poderes, perigos e controvérsias. Sugiro que encaremos a música gospel não como um mero produto de entretenimento, mas como a chave para acessar e conhecer novos horizontes e possibilidades no âmbito cultural urbano.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Magali. “Vinho novo em odres velhos”: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (doutorado em comunicação), São Paulo, Universidade de São Paulo, 2004

DOSSIÊ das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro. IPHAN. Rio de Janeiro, 2006.

MACHADO, Carly. SAMBA GOSPEL: Sobre pentecostalismo, cultura, política e práticas de mediação nas periferias urbanas do Rio de Janeiro. *Novos estud. CEBR AP* [online]. 2020, vol.39, n.1, pp.81-101. Epub 10-Jun-2020. ISSN 1980-5403.

MAFRA, C. O problema da formação do “cinturão pentecostal” em uma metrópole da América do Sul. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 136- 152, jun. 2011

OLIVEIRA JUNIOR, M. C.; CRUZ JUNIOR, L. J. G. da. Sambistas (e) evangélicos. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 833-847, dez. 2020.

OOSTERBAAN, Martijn. “Spiritual Attunement: Pentecostal Radio in the Soundscape of a Favela in Rio de Janeiro”. *Social Text*, v. 26, n. 3, 2008, pp. 123-145.

PAZ, Sthefanye Silva. Tonzão entre dois “mundos”: mediações e agência entre o funk e a igreja. (Dissertação de mestrado) Seropédica: UFRRJ, 2018

PINHEIRO, Márcia Leitão. “Música, religião e cor: uma leitura da produção de black music gospel”. *Religião & Sociedade*, v. 27, n. 2, 2007, pp. 163-80

SANT’ANA, Raquel. A Nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de

uma coletividade “evangélica” a partir da Marcha para Jesus. Tese (doutorado em antropologia social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. 2ª ed., Rio de Janeiro, Mauad, 1998.